



O gênero grande reportagem: uma análise possibilitada pelo diálogo entre o ISD e aportes teóricos dos textos orais

Juliana Bacan Zani¹ (USF)

Luzia Bueno² (USF)

Resumo:

O presente artigo visa apresentar parte dos resultados de uma pesquisa sobre o gênero grande reportagem, na qual se propôs um diálogo entre o modelo de análise de textos proposto pelo ISD e teóricos que se debruçaram sobre os textos orais. Para isso, tomou-se o ISD como aporte teórico central, mas estabeleceu-se uma interlocução com as discussões sobre textos orais e suas características linguísticas (Ingedore Koch, da Linguística Textual, e de Luís Antonio Marcuschi, da Análise da Conversação) e não linguísticas (Schneuwly e Dolz).

Palavras-chave: gêneros orais – modelo didático – interacionismo sociodiscursivo

Abstract:

This article aims at presenting part of the results achieved by a research about the in-depth reporting genre, in which a dialogue between the model of analysis of texts proposed by SDI and scholars whose works concerning oral texts was proposed. SDI was taken as our main

theoretical contributor. At the same time, a dialogue was established between the discussions regarding oral texts and their characteristics language (Ingedore Koch, from *Textual Linguistics*; Luis Antonio Marcuschi, from *Analysis of Conversation*), and the non-language (Schneuwly and Dolz).

Keywords: oral genres – didactic model – socio-discursive interactionism

Introdução

O Interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) vem dando sérias contribuições, nos últimos anos, para o desenvolvimento de pesquisas sobre gêneros textuais e para a implementação de práticas de intervenção, como podemos ver nos estudos dos Grupo ALTER e ALTER-AGE¹; contudo, preponderantemente o foco maior são os gêneros escritos.

Ao verificarmos o modelo de análise do ISD, proposto por Bronckart (1999, 2006, 2008, 2013), notamos que ele oferece um quadro que contempla muito bem as dimensões de um texto escrito; mas, como um quadro em diálogo com outros aportes teóricos, precisa ser complementado para as análises dos textos orais. Embora a necessidade de uma complementação possa ser tomada, em um primeiro momento, como uma falha do modelo, nós a vemos muito mais como uma oportunidade de continuar o diálogo com outros teóricos.

O presente artigo visa apresentar parte dos resultados de uma pesquisa² sobre o gênero grande reportagem, na qual se propôs um diálogo entre o ISD e teóricos que se debruçaram sobre os textos orais. Partimos do pressuposto de que a produção oral, a escuta, a leitura e a escrita estão presentes em nosso cotidiano de forma articulada, uma contribuindo para o desenvolvimento da outra, cabendo, dessa forma, à escola fazer com

¹ Grupo ALTER – Análise da Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações – sob a coordenação de Eliane Gouvea Lousada e Ana Maria de Matoso Guimarães e Grupo ALTER_AGE - Análise da Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações, Aprendizagem, Gêneros Textuais e Ensino, sob a coordenação de Eliane Gouvea Lousada e Luzia Bueno, ambos sediados na USP.

² Esta pesquisa, cujo objetivo maior foi contribuir para a modelização de um gênero oral, desenvolvida durante o mestrado e apresentada na dissertação "O Ensino da linguagem oral: para uma modelização do gênero jornalístico "Grande Reportagem"" (ZANI, 2013).

que os alunos tenham o conhecimento e domínio das duas modalidades, oral e escrito, e das múltiplas funções da linguagem, já que esta possui diferentes manifestações.

Pensando na importância dessa modalidade, defendemos aqui o ensino sistemático do oral por meio de um trabalho com gêneros orais, mediados ou não pela escrita ou por suportes midiáticos, a fim de que se possa formar sujeitos ativos que saibam agir e interagir por meio da linguagem nas diferentes situações comunicativas de que possam participar.

Este artigo está organizado em três seções. Na primeira, exploraremos os gêneros orais, o ISD e a complementação do quadro teórico para as pesquisas com o oral. Na segunda, expomos uma análise de texto, apontando as características do gênero jornalístico *grande reportagem*, como proposta de trabalho com os gêneros orais na interface escrito-oral e vice-versa. Para finalizar, na terceira seção, faremos as nossas considerações finais.

I - Gêneros Oraís, análise de textos segundo o ISD e uma complementação teórica

A criança, quando ingressa na escola, já tem bom domínio do oral, conhecendo vários gêneros do cotidiano. Isso ocorre pelas conversas com os familiares, que contam acontecimentos vividos, discutem problemas, pedem informações. Mas há vários outros gêneros orais que a criança desconhece. Portanto, cabe à instituição escolar trabalhar as situações de comunicação oral presentes no dia a dia dos alunos, ampliando para gêneros da comunicação pública formal, como entrevistas, debates, seminários, entre outros.

Dessa forma, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 175), "o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para confrontá-los com outras formas mais institucionais mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores". Pressupõe-se que essas formas são dificilmente aprendidas sem que haja uma intervenção didática que auxilie os alunos a agirem e interagirem em diferentes situações da comunicação.

Os gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos, costumam ser entendidos como "complexos e heterogêneos [...], produtos sócio-históricos, definíveis empiricamente, além de serem instrumentos semióticos para a ação da linguagem" (SCHNEUWLY, 2004, p. 136).

Retomando a tese do ISD de que o desenvolvimento do pensamento consciente humano se dá por meio da linguagem, mais precisamente, por meio de práticas linguageiras situadas, e de que o ensino exerce um importante papel para o desenvolvimento humano, Schneuwly e Dolz(2004) propõem um ensino voltado a essas práticas de linguagem que se realizam em textos organizados em gêneros. Essa proposta se centra na questão de que o ensino dessas práticas permite o desenvolvimento de capacidades de linguagem nas pessoas, ou seja, a capacidade de agir com a linguagem em diferentes práticas sociais.

Para Bronckart (2009), somos confrontados com um universo de textos, organizados em gêneros, que se encontram sempre em processo de modificação. Nosso contato com os gêneros textuais ao longo de nossa história faz com que tenhamos construído um conhecimento intuitivo das regras e das propriedades desses gêneros, mesmo que de forma inconsciente (MACHADO, 2009). Segundo Bronckart (2009), o texto é uma produção verbal, seja ela oral ou escrita, portanto empírica, situado num dado contexto, que apresenta formas e tamanhos diferentes, mas ao mesmo tempo é dotado de características comuns, as quais manifestam uma relação de interdependência com o contexto imediato de produção.

O ISD parte do pressuposto de que o ensino sistematizado de uma língua precisa focar o desenvolvimento das capacidades de linguagem, e o Modelo Didático, bem como a Sequência Didática, são instrumentos significativos para subsidiar a construção de um conhecimento que pode nos possibilitar um trabalho significativo com os gêneros em sala de aula.

O modelo didático é construído após o levantamento das características dos textos pertencentes a um determinado gênero, e é considerado como sendo a descrição das características ensináveis deste. Trata-se de uma das etapas importantes e necessárias para a realização da intervenção didática. Essa intervenção é denominada de sequência didática e consiste na realização de um conjunto de atividades sistematicamente organizadas, em torno de um gênero textual oral ou escrito, com o objetivo de proporcionar, ao aprendiz, o desenvolvimento de capacidades para agir com e por meio da linguagem (Dolz, Noverraz e Schneuwly , 2004, p.97). Tem a finalidade de “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (p. 97).

Para o ensino dos gêneros orais, seguindo os pressupostos de Schneuwly e Dolz (2004), deve-se primeiramente construir um modelo didático de gênero, ou seja, um levantamento de suas características no nível do contexto de produção, da organização textual, da linguagem e dos meios não linguísticos. Isso deve ocorrer para que, posteriormente, possamos ensinar ao aluno em que situações poderão usar esse gênero, como estruturá-lo, qual linguagem e postura utilizar, ou seja, poderemos levá-lo a desenvolver as capacidades de linguagem e as capacidades não-verbais de que ele precisará para participar plenamente das situações comunicativas. Vale ressaltar que os meios não-linguísticos são recursos que fazem parte somente do discurso oral.

Para Machado (2000), a construção de um modelo didático de um gênero precisa levar em conta questões que implicam na identificação desse gênero por meio de uma análise de um conjunto de textos empíricos e que são socialmente considerados como pertencentes ao gênero selecionado. Entretanto, alguns problemas surgem ao construir o modelo e a análise dos gêneros, primeiro, pelo fato da própria complexidade de identificação, descrição e classificação dos gêneros, pois podem receber mais de uma nomeação socialmente; e, segundo, pela constante transformação que a própria natureza sócio-histórica que os colocam.

Para analisar os textos de cada gênero, é possível apoiar-se nas contribuições de Bronckart (1999, 2006, 2008, 2009), observando alguns elementos para a identificação dos gêneros: contexto de produção; da arquitetura interna do texto; e das escolhas lexicais.

No estudo dos gêneros orais, esses elementos possibilitam o reconhecimento da situação de produção do texto (quem fala, para quem, com que objetivo, em que lugar social, sobre que tema), dos aspectos discursivos (plano global do tema, tipos de discurso, eventuais sequências tipológicas), dos aspectos linguístico-discursivos (coesão nominal e verbal, conexão; modalização e vozes).

Contudo, esse modelo teórico, se apresenta insuficiente para análise de alguns aspectos que são característicos da linguagem oral, que torna necessária a busca do diálogo com trabalhos dos estudiosos brasileiros Ingedore Koch e Luís Antonio Marcuschi, que se debruçaram sobre a oralidade e seus textos, bem como as contribuições genebrinas de Schneuwly e Dolz sobre os aspectos não-linguísticos.

De acordo com Koch (2012), o texto falado tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias de sua produção, não sendo absolutamente caótico,

desestruturado. Nele as regularidades se manifestam como tendências de estruturação, definidas pelo caráter sistemático, pela sua recorrência em contextos definidos, pelas marcas formais e pelo preenchimento de funções interacionais. Entre as principais estratégias de processamento do texto falado, são apontadas a inserção, com funções interativas diversas: explicar, ilustrar, atenuar, fazer ressalvas, introduzir avaliações ou atitudes do locutor etc, e a reformulação, com função retórica ou saneadora.

A reformulação retórica efetiva-se por meio de repetições e parafraseamentos, tendo como função principal reforçar a argumentação, podendo também facilitar a compreensão através da desaceleração do ritmo da fala. Já a reformulação saneadora pode ocorrer com a finalidade de correções ou reparos e de repetições ou paráfrases saneadoras.

Além dos tipos e funções apresentados na atividade de construção do texto falado, encontramos também os marcadores conversacionais, elementos discursivos frequentes nos textos falados, cujo caráter multifuncional é salientado por Marcuschi (2003), pois operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória. Quanto à posição no turno, os marcadores classificam-se em: iniciais, que caracterizam o início ou a tomada de turno (não, mas, acho que, não é assim); mediais, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno (né?, sabe?, entende?, digamos, advérbios, conjunções, alongamentos); finais, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno (né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusa).

Outro aspecto relevante é que toda comunicação oral não se limita apenas à utilização dos meios linguísticos, é preciso também destacar que existem os meios não-linguísticos que estão presentes, através de mímicas faciais, olhares, gestos, tonalidade da voz (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Esses autores organizam esses aspectos não-linguísticos em: 1) meios para-linguísticos; 2) meios cinésicos; 3) posição dos locutores; 4) aspecto exterior; 5) disposição dos lugares. Vejamos o quadro de Dolz & Schneuwly (2004, p.160):

Quadro 1 - Meios não -linguísticos da comunicação oral

Meios paralinguísticos	Meios cinésicos	Posição dos interlocutores	Aspectos externos	Disposição do Lugar
Qualidade da voz, melodia,	Atitudes corporais,	Ocupação dos lugares,	Roupas, aparência,	Luz, Disposição dos

elocução, pausas, respiração, suspiros etc.	movimentos, gestos no momento da produção, gestos no momento da recepção, olhares, mímica etc.	espaço pessoal, distâncias, contatos físicos etc.	disfarces, óculos, limpeza etc.	lugares, Ordem ventilação, decoreação etc.
--	--	--	---------------------------------------	---

Todas as características apresentadas, tanto os marcadores conversacionais como os aspectos não linguísticos, variam, conforme os gêneros textuais que são empregados em cada situação de comunicação oral. Logo, ao quadro do modelo de análise de textos, proposto por Bronckart (1999, 2006, 2008), acrescentamos as características da análise da conversação propostos por Koch (2012) e Marcuschi (2003). Depois da análise dos aspectos linguísticos acrescentamos a análise dos aspectos não-verbais. Consideramos que o acréscimo desses aspectos na análise de textos orais enriquece o quadro interdisciplinar do ISD, não ferindo, assim, os seus princípios.

Desse modo, fundamentando-nos nos trabalhos de Bronckart sobre o Interacionismo Sociodiscursivo, mais especificamente sobre o modelo de análise de textos (1999, 2006) e nos de Dolz & Schneuwly (1998, 2004) sobre a didática com gêneros textuais, com foco específico sobre os meios não-linguísticos dos textos orais, propomos que seja considerado um modelo didático do gênero jornalístico grande reportagem, levantando suas características principais, para que, a seguir, sejam feitas as sequências didáticas destinadas aos alunos dos diferentes anos.

O gênero jornalístico grande reportagem consiste na composição sob a forma de um vídeo ou filme, com uma série de informações relativas a um acontecimento particular, da atualidade, ou a um fenômeno da sociedade, tratando os assuntos em profundidade, sob várias facetas. São exemplos desse gênero programas como o Globo Repórter da rede Globo e Câmera Record da rede Record de televisão. Vejamos, na próxima seção, um exemplo com o gênero jornalístico grande reportagem.

II – Uma Análise do Gênero Jornalístico “Grande Reportagem”

Antes de apresentarmos a análise do gênero jornalístico “Grande Reportagem” parece-nos essencial apresentar, de forma breve, as escolhas que foram feitas gerando o corpus da pesquisa.

Inicialmente, levantamos os programas existentes, em canais abertos de televisão, do gênero jornalístico grande reportagem. A escolha pelos programas em canais abertos se deveu ao fácil acesso e ao fato de tratar-se de um “broadcast”, tendo a finalidade de uma programação dirigida a todos.

Nesta primeira etapa, buscamos na literatura, em pesquisas na internet e em canais de televisão, as descrições dos programas para verificar se pertenciam ao mesmo gênero. Inicialmente tivemos dificuldades, pois os programas não apresentavam definição satisfatória para o gênero. Por exemplo, para o Globo Repórter encontramos classificação como documentário e como grande reportagem; no entanto, ao assistirmos aos programas indicados, percebemos que apresentavam características bem diferentes. Buscamos na literatura mais informações a respeito dos gêneros televisivos e encontramos, em Carvalho (2010) e Jaspers (1998), detalhes sobre os formatos dos programas e chegamos à conclusão de que, dos indicados, somente dois correspondiam ao gênero jornalístico grande reportagem: o Câmera Record e o Globo Repórter.

Após a definição, buscamos no Youtube vídeos completos dos programas, pois os vídeos disponíveis no site das emissoras são apenas trechos das reportagens e o acesso ao vídeo completo, principalmente o do Globo Repórter, é restrito ao assinante. A temática escolhida dos programas foi da categoria aventura, opção feita por tratar de lugares diferentes e ser tema atrativo para os alunos e professores, dando a oportunidade de serem explorados nas aulas de geografia, história, ciências. O quadro 2 a seguir nos indica os textos utilizados como corpus de pesquisa.

QUADRO 2 – Indicação dos textos do corpus

PROGRAMA	DURAÇÃO DE GRAVAÇÃO	TEMA	DATA DE EXIBIÇÃO
Globo Repórter	39 min. e 31 seg.	Rio Amazonas	05/08/2011

		2: Nascente e Foz	
Câmera Record	53 min. e 46 seg.	As maravilhas do Tocantins	05/10/2012

Os dois textos utilizados foram transcritos, analisados e utilizados como gênero de referência. As análises contemplaram as seguintes dimensões:

a) Em relação ao contexto físico e social de produção, constatamos que o gênero jornalístico grande reportagem é transmitido às sextas-feiras, em horário nobre. Para Manoel Carlos (2012), considerava-se, há alguns anos, que nobre na televisão era o horário que começava às 19 e se estendia até às 22 horas. Hoje esse tempo é medido das 18 horas à meia-noite. É quando o espaço comercial é mais caro e, conseqüentemente, os programas considerados mais importantes são apresentados. A partir dessa informação é possível definir que o público-alvo é para um público adulto, com maior ou menor capacidade interpretativa e bagagem cultural e interesse na temática apresentada.

Outro fator analisado foi em relação ao enunciador do texto. No gênero em questão encontramos o âncora, que assume o papel de apresentador, ou seja, o representante do programa; o repórter, que tem a função de transmitir o conteúdo selecionado; os especialistas, que irão trazer mais confiabilidade e credibilidade quanto às informações apresentadas; e, por fim, os sujeitos comuns, que apresentam suas histórias de vida e ilustram o texto apresentado.

O lugar de gravação do programa acontece em dois momentos: um dentro do estúdio e outro em diferentes lugares, conforme a temática a ser abordada no programa.

b) A partir da análise das características do contexto de produção e da função social assumida pelo programa, é possível definir as escolhas do conteúdo temático e organização da estrutura textual. Notamos que os tipos de discurso característicos do programa são predominantemente o interativo e o teórico. As seqüências recorrentes nos textos do gênero jornalístico grande reportagem são na forma de esquematizações, com a função de informar os acontecimentos de um determinado tema e a seqüência dialogal, principalmente na interação entre os enunciadores.

Outra análise, ainda em relação à infraestrutura do texto, é a da organização do programa, que é marcada pela preocupação em esquematizar a pauta, escolher os

diferentes enunciadores e o desdobramento da temática em quatro ou cinco blocos. Além desses aspectos, são relevantes também a escolha das músicas e imagens que irão fazer parte do programa, bem como as perguntas que serão feitas aos entrevistados. No período de gravação, existe a escolha dos diferentes lugares, as estrutura das falas e a forma de abordagem do tema – em *off*³ ou em *passagem*⁴. Por fim, na edição do programa, existe o encaminhamento da reportagem e as escolhas das melhores falas.

c) Para o propósito de ensino e produção de uma sequência didática, analisamos os aspectos linguístico-discursivos por serem dimensões de recorrência, como a coesão verbal, coesão nominal e conexões. Em relação à coesão verbal, constatamos uma maior incidência no tempo presente, independentemente dos enunciadores. Quanto à coesão nominal, observamos que os turnos de fala apresentam cadeias anafóricas pronominais e nominais, principalmente na organização do texto do âncora e do repórter, evidenciando a preocupação em manter o texto coeso e menos repetitivo. Dessa forma, a temática apresentada atinge o seu objetivo de maneira clara e direta.

d) Outro aspecto relevante dos elementos constituintes do gênero jornalístico grande reportagem é a presença dos marcadores conversacionais, que são específicos da oralidade e se efetivam no texto do repórter, dos especialistas e dos sujeitos comuns. Assim, nota-se a presença de marcadores com finalidades iniciais, mediais e finais de turnos; o uso de frases interrogativas e inserções ilustrativas; expressões de concordância e hesitações.

Logo, uma análise que pode ser concebida a partir das características levantadas é que, mesmo sabendo que o texto é preparado e esquematizado desde a preparação do programa e na elaboração da pauta, há um texto escrito. No entanto, a presença das marcas de oralidade são fortes e isso dará ao texto uma originalidade e aproximação entre os enunciadores. Podemos dizer que o gênero jornalístico grande reportagem é um gênero híbrido, que abrange os gêneros mais simples aos mais complexos.

e) Na dimensão enunciativa notamos que os enunciadores, principalmente o âncora e o repórter, usufruem da responsabilidade enunciativa pelas modalizações e vozes. Quanto às modalizações empregadas, notam-se a recorrência da modalização apreciativa, contribuindo para dar tonalidade ao texto com julgamentos subjetivos dos enunciadores. Já na inserção de vozes, notamos que o âncora faz uso das diferentes vozes que constroem o

³ A fala do repórter acontece em *off*, quando a voz está ilustrada com imagens.

⁴ Passagens, quando a figura do repórter está na tela.

texto (voz da própria emissora, voz do repórter) para reforçar o conteúdo temático a ser explorado no programa. Os repórteres tomam a responsabilidade enunciativa por meio do discurso direto e de sentenças curtas, por meio de sua própria voz e das vozes sociais.

f) Em se tratando de um gênero oral, mais especificamente de um gênero televisivo, no texto produzido, atuam, simultaneamente, a fala, o corpo, a voz, as imagens e a música, compondo, assim, uma linguagem própria.

A voz, a fala, o corpo, o uso dos gestos, os posicionamentos frente à câmera são partes que compõem o efeito final da comunicação, permitindo inúmeras possibilidades de demonstrar todos os tipos de sentimento, intenção e de vontade. Dessa forma, é importante possibilitar ao aluno conhecer a importância da utilização da fala pausada, sóbria, bem articulada. Outra reflexão importante é possibilitar a consciência do corpo e a utilização dos gestos e expressões faciais para tornar o texto verdadeiro.

Além disso, é preciso também cuidar da aparência, ser simples e elegante. Saber escolher as roupas adequadas, de preferência em cores pastéis. Para as mulheres, deve-se evitar o uso de decotes e ombros e braços não devem ficar à mostra. Os acessórios devem ser discretos, nada de brincos, colares e anéis enormes.

Outro cuidado em relação aos aspectos não-verbais diz respeito aos posicionamentos e disposições dos diferentes lugares, às escolhas de imagens que serão utilizadas e às músicas e efeitos sonoros que irão completar o texto. Conclui-se que o casamento do conteúdo do texto com a informação visual deve ser perfeito.

Diante do que foi exposto, podemos chegar a algumas conclusões sobre o trabalho possível com esse gênero em sala de aula:

- a) ao trabalhar com as características levantadas em relação ao contexto de produção, o professor terá subsídios para elaborar diversas tarefas, possibilitando, assim, desenvolver no aluno as capacidades de ação.
- b) ao considerar as características e as dimensões ensináveis do gênero jornalístico grande reportagem, em relação à infraestrutura do texto, estamos possibilitando aos alunos o desenvolvimento das capacidades discursivas.
- c) a análise dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos possibilita ao professor a construção de tarefas de ensino e aprendizagem que possam desenvolver no aluno as capacidades linguístico-discursivas.

- d) desenvolver as capacidades não-verbais é permitir ao aluno o conhecimento dos diferentes aspectos que são importantes para a composição da comunicação. Voz, fala, gestos, conhecimento do corpo e posicionamento devem atuar em plena harmonia para que possamos transmitir a informação desejada da melhor maneira.

III – Considerações Finais

O diálogo entre o ISD e os estudiosos do oral com as propostas didáticas de Schneuwly e Dolz nos permitiram construir um modelo didático do gênero grande reportagem, contemplando os aspectos verbais e os não-verbais.

Acreditamos que as características levantadas do gênero jornalístico “grande reportagem”, partindo de um gênero de referência e a elaboração de um modelo didático, possam dar oportunidades aos professores de se apropriarem de conhecimentos sobre o gênero em questão. Isso pode possibilitar aos docentes formas de se fazer um trabalho didático, seja ele em um projeto maior dentro da instituição escolar ou até mesmo dentro da sala de aula, levando os alunos a compreenderem, dominarem e se apropriarem de conhecimentos que possam ser utilizados em outros contextos de produção textual.

Dessa forma, notamos que o diálogo entre as teorias permite o enriquecimento do ISD e também das propostas didáticas que podem ser feitas.

Referências bibliográficas

CARLOS, Manoel. *Horário Nobre*. Veja Rio, 2012. Acesso em: 10/07/2013. Disponível: <<http://vejario.abril.com.br/blog/manoel-carlos/cronica-da-semana/horario-nobre>>.

CARVALHO, Alexandre [et al.]. *Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar*. São Paulo: Contexto, 2010.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

JESPERS, Jean-Jaques, *Jornalismo televisivo*. Coimbra: Minerva, 1998.

MACHADO, Anna Rachel; GUIMARÃES, Ana Maria Mattos. O Interacionismo sociodiscursivo no Brasil. In: Abreu-Tardelli, Lília Santos; Cristovão, Vera Lúcia Lopes. (orgs). *O ensino e a aprendizagem dos gêneros*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MACHADO, Anna Rachel. *Uma Experiência de Assessoria Docente e de Elaboração de Material Didático para o Ensino de Produção de Textos na Universidade*. DELTA, Vol. 16, n. 1, p.1-26, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

ZANI, Juliana Bacan. *O Ensino da linguagem Oral: para uma modelização do gênero jornalístico "Grande Reportagem"*. Universidade São Francisco, Dissertação de mestrado, Itatiba, 2013.

¹ **Juliana Bacan ZANI, Doutoranda em Educação**
Universidade São Francisco
julianabzani@ig.com.br

² **Luzia BUENO, Profª Drª**
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
Universidade São Francisco
luzia_bueno@uol.com.br

Recebido em 21/05/2014
Aprovado em 21/06/2014